

**RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS DE PEDAGOGIA
EM SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL**

Andreza Marques De Castro Leão, Andréa Marques Leão Doescher, Paulo Rennes Marcal
Ribeiro

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

A presente pesquisa tem por intuito averiguar as concepções de discentes do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara acerca da sexualidade infantil e das relações de gênero, e a partir do conhecimento das principais necessidades formativas que apresentam em relação a estes temas, elaborar, implementar e avaliar um curso interventivo. Os instrumentos empregados para coleta de dados foram dois questionários. Participaram da primeira etapa da pesquisa, correspondente ao preenchimento do questionário, 342 estudantes dos períodos noturno e diurno. Já na segunda etapa, aplicação do curso, 38 pessoas. A partir dos dados deste instrumento foi elaborado um curso interventivo em sexualidade de 40 horas que ocorreu nos meses de agosto a outubro de 2012. No questionário, 43% dos participantes relataram que são 'informados' e 12% 'bem informados' acerca da sexualidade infantil. Entretanto, 40% dos participantes referiram que são 'pouco' a 'nada informado' sobre o assunto, o que demonstra que é um tema que requer que tenham maiores informações. Quanto às relações de gênero 40,1% dos respondentes disseram que são 'informados' quanto a este assunto e 17,8% 'bem informados'. Porém, não souberam definir o que entendem por relações de gênero. Em relação ao curso, foi possível verificar por meio do questionário com algumas situações problematizadoras as alterações nas respostas dos participantes no seu término, demonstrando que alcançou seus intentos iniciais - formar e informar os licenciandos em sexualidade. Assim, cursos de extensão voltados a discentes é uma possibilidade de prover formação no assunto.

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS DE PEDAGOGIA EM SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Andreza Marques de Castro Leão¹. UNESP, FCL/Ar; Andréa Marques Leão Doescher²

Paulo Rennes Marçal Ribeiro³. UNESP, FCL/Ar

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A sexualidade faz parte do desenvolvimento humano e se expressa em diferentes fases da vida, entre estas, na infância (MAIA, 2005a; SENATORE; RIBEIRO, 2001). Todavia, nas distintas instâncias sociais vigora uma indisposição para a discussão deste assunto, como se fosse algo desnecessário ou danoso de ser abordado. No contexto escolar, por exemplo, este assunto é encarado como algo difícil de se abarcar e que “pode promover” uma erotização da sexualidade, além de ser um tema que muitas vezes se restringe à relação sexual propriamente dita (LEÃO; RIBEIRO, 2011).

O receio do adulto no trato com este tema, ou ainda a negação deste aspecto, em vez de auxiliar a criança pode na realidade contribuir para que ela tenha uma visão negativa e equivocada acerca da sexualidade, que inclusive pode trazer dificuldades futuras para uma vida sexual plena.

Para Leão e Ribeiro (2011), existe um temo de que o falar de sexo contribua para a perda da inocência da criança, assim como, para o despertar de um comportamento sexual precoce, ou mesmo, desviante do que é previsto socialmente para cada gênero.

Em linhas gerais, desde a mais tenra idade ocorre nas distintas instâncias a educação sexista, sendo que isso se manifesta na escolha das cores das roupas diferentes para os meninos e as meninas, nos brinquedos e brincadeiras sugeridos, nos comportamentos aceitáveis para um ou outro sexo, entre outros (LEÃO; RIBEIRO, 2011). Vigora neste

¹ Doutora em Educação Escolar com Pós-Doutorado em Sexologia e Educação Sexual. Professora do Departamento de Psicologia da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Araraquara. E-mail: andreza_leao@yahoo.com.br

² Psicóloga, atua em clínica para dependente químico. Mestre em Computação Aplicada/Neurociência pelo INPE. E-mail: andreamleao@gmail.com

³ Doutor em Saúde Mental com Pós-Doutorado pela UFRJ. Livre-Docente em Sexologia e Educação Sexual. Professor do Departamento de Psicologia da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Araraquara. E-mail: paulorennes@fclar.unesp.br

contexto a ideia de que cabe às meninas brincarem de bonecas, de casinha, amarelinha, professora, ou seja, brincadeiras 'delicadas', já aos meninos de brincarem de carrinho, de corre-corre, queimada, enfim, brincadeiras consideradas mais ativas e até mais violentas. A escola pode e deve contribuir para erradicar tais estereótipos (LEÃO; RIBEIRO, 2012).

Cabe aqui frisar que o termo gênero põe em evidência o processo de construção das distinções entre homens e mulheres através da sociedade e da cultura. Este termo, segundo Louro (1997), surge da necessidade de se revelar o equívoco de se ancorar no sexo, no sentido das características físicas do corpo, as diferenças entre homens e mulheres.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a questão de gênero está presente em todos os assuntos trabalhados no cotidiano escolar e nas distintas ciências, sendo importante abordá-la com os alunos, de modo que possam construir relações de gênero pautadas pela equidade, compreensão e respeito pelas diferenças (BRASIL, 1997).

Gênero e sexualidade são conceitos culturalmente construídos, e são temas que se complementam (LEÃO; RIBEIRO, 2012, p. 56). Nos dizeres dos mencionados autores, "em nossa experiência, trabalhar com sexualidade implica em abarcar relações de gênero [...] e a discussão das relações de gênero pede um diálogo com as atitudes, comportamentos e valores sexuais".

Em termos educacionais, assim que a criança ingressa na escola deve-se iniciar o trabalho de educação sexual, respeitando as peculiaridades das distintas fases e a capacidade cognitiva, o qual deve se estender por todo o período escolar (RIBEIRO; REIS, 2007). A educação sexual consiste no programa formal, sistemático e contínuo para tratar a sexualidade no âmbito educacional (LEÃO, 2009). Este trabalho direcionado ao público infantil objetiva não somente informar, mas contribuir para a prevenção da violência sexual. Aliás, vale frisar que as crianças têm o direito de saber o que se passa com o seu corpo.

Segundo Maia (2005b), Leão (2009), Leão e Ribeiro (2011), os professores devem dialogar com as crianças, esclarecendo-as do que seja a violência sexual, uma vez que as crianças mal informadas e que não têm com quem dialogar acerca disso, são alvos mais fáceis de exploradores sexuais. Dessa forma, é necessária a apreensão do corpo, a fim de promover a consciência da criança de que seu corpo lhe pertence, e só deve ser tocado por outro com a sua anuência ou por motivos de saúde e higiene (Brasil, 1997).

Figueiró (2007) alega que é preciso que a criança possa distinguir entre afagos de amor e atos oportunistas, de forma a reconhecer que apresenta o direito de recusar qualquer incursão do próprio corpo e para que aprenda, ainda, maneiras de procurar ajuda.

Deste modo, o trabalho de educação sexual representa um importante e expressivo passo para a efetivação de ações concretas no combate da discriminação, desinformação, da disparidade de gênero, sobretudo, se esta educação oportunizar aos alunos um espaço de problematização e contextualização das práticas arraigadas de disciplinamento dos sujeitos (Leão, 2012).

O professor é o principal profissional para a implementação da educação sexual (LEÃO; RIBEIRO, 2012). Contudo, muitos dos profissionais da educação se sentem receosos e inseguros para se envolver com o trabalho de educação sexual, sendo que isso se deve, sobretudo, a ausência de uma formação específica no assunto (LEÃO, 2009).

O curso de Pedagogia tem responsabilidade quanto à formação dos professores para trabalhar com educação sexual, uma vez que os egressos irão atuar, principalmente na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, níveis de ensino estes que abarcam crianças geralmente carentes de informações sobre sexualidade (LEÃO, 2012). Ademais, como os PCN sugerem que os temas de sexualidade sejam tratados na escola, é contraditório o fato de, exatamente o curso que tem por intuito a formação de profissionais para atuar com este alunado, desconsiderar isso e não acolher disciplinas que tratem da sexualidade.

O presente estudo surgiu da necessidade apontada pela literatura de haver mais investigações científicas sobre formação inicial dos professores para atuar com a sexualidade infantil. Conforme salientam Leão e Ribeiro (2012), é necessário o investimento na formação inicial dos professores com a inserção de métodos e técnicas para sua ação, assim como de estudos, leituras e reflexões que possibilitem a aquisição de um conhecimento teórico-metodológico que sustentem e subsidiem essa ação (Maia; Ribeiro, 2011).

Pretende-se, então, a partir das concepções dos alunos sujeitos desta investigação, propor um curso interventivo objetivando munir-los de conhecimentos teóricos necessários para uma pronta intervenção na futura prática pedagógica.

OBJETIVOS

Identificar as concepções dos discentes do curso de Pedagogia da FCLAr acerca da sexualidade infantil e das relações de gênero, verificando as principais necessidades que apresentam concernente a tais temáticas, visando a partir disso, elaborar implementar e avaliar um curso interventivo.

METODOLOGIA

Considerando-se que a subjetividade do pesquisador sempre está presente, mesmo nas pesquisas quantitativas, o melhor procedimento, baseado em Deslauriers (1991), é fazer uma intersecção de dados com a pesquisa qualitativa, a fim de obter uma melhor compreensão do problema estudado.

Na realidade, há vantagens de se integrar os métodos qualitativos e quantitativos (Deslauriers, 1991). Conforme apresenta Gonçalves (2005), a pesquisa orientada pela inter-relação entre os métodos quantitativos e qualitativos possibilita o enriquecimento e maior fidedignidade da análise dos dados, uma vez que estes métodos se complementam.

MÉTODO

Participantes

Participaram da primeira etapa da pesquisa, correspondente ao preenchimento do questionário, 342 estudantes do 1º ao 4º ano do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP dos períodos noturno e diurno. Já na segunda etapa – aplicação do curso – participaram 38 pessoas.

Concernente ao sexo, 88% dos participantes é do sexo feminino, enquanto que somente 8% do sexo masculino, e 4% não responderam. Em relação à faixa etária dos participantes, 47% têm até 20 anos, isto é, quase a metade deles apresenta até 20 anos, e 26% de 21 a 25 anos e 27% mais de 25 anos.

Local

Este estudo foi realizado na cidade de Araraquara, nas dependências do Campus da Universidade Estadual Paulista.

Instrumentos

Foram empregados dois questionários fechados. O primeiro apresenta também algumas perguntas abertas, tendo por objetivo investigar a compreensão dos discentes nos aspectos da sexualidade infantil e das relações de gênero. Já o segundo, aplicado no primeiro dia de curso, contém situações problematizadoras de sexualidade, e é aberto.

Procedimentos de Coleta de dados

Inicialmente, o coordenador do curso de Pedagogia foi contatado, sendo esclarecido dos objetivos da presente pesquisa. Foi solicitada sua anuência para que os pesquisadores entrassem em contato com os estudantes durante o período das aulas.

Com este aval, os alunos foram contatados e esclarecidos dos objetivos da presente pesquisa, e solicitada a participação dos mesmos respondendo a um questionário. Nesta ocasião foram informados que seria elaborado, a partir da análise dos questionários, um curso de intervenção direcionado aos mesmos, com o intuito de prepará-los para compreender temáticas de sexualidade e lidar com atitudes e comportamentos sexuais na escola.

O curso foi oferecido inicialmente somente aos alunos do 4º ano, contudo, como alguns discentes do 3º ano solicitaram, foi oferecido a eles também.

O curso foi traçado para ser realizado em 10 encontros presenciais, com algumas atividades virtuais na plataforma Moodle, sendo, portanto de natureza semi-presencial. As atividades virtuais consistiram de fórum de discussão, *chats*, vídeos, atividades virtuais, entre outros.

Procedimentos de Análise dos dados

De posse dos questionários, as perguntas fechadas foram submetidas à análise estatística. Já as perguntas abertas, tanto do primeiro, quanto do segundo questionário, foram analisadas qualitativamente e agrupadas em categorias de análises.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira pergunta do questionário, foi solicitado aos respondentes que marcassem com um X o quanto a pessoa está informado em relação à sexualidade infantil e relações de gênero, indo de “Nada informado” até o “Muito informado”.

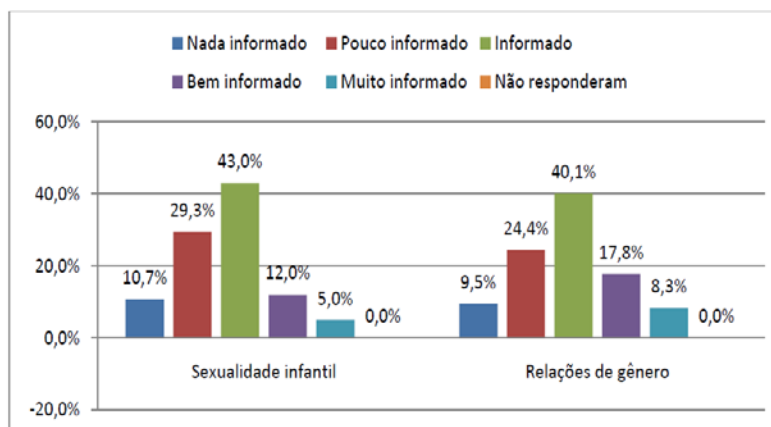


Gráfico 1- Nível de informação em sexualidade infantil e relações de gênero

Pode-se notar no Gráfico 1 que 43% dos participantes relataram que são informados e 12% bem informados acerca da sexualidade infantil. Um aspecto preocupante é que 29,3% dos participantes declararam que são pouco informados quanto à questão formulada, e 10,7% nada informados. Totalizando, tem-se 40% dos participantes referindo-se que são ou pouco ou nada informados, demonstrando que a sexualidade é um assunto que requer maiores informações. Considerando que os discentes do curso de Pedagogia vão atuar na educação infantil e em séries iniciais do ensino fundamental, é imprescindível que sejam devidamente formados e informados sobre sexualidade infantil, pois na escola é comum manifestações, perguntas, brincadeiras e curiosidade de cunho sexual entre as crianças.

Maia (2005a) salienta que toda criança é curiosa. Sua curiosidade, no entanto, é estimulada pelos adultos apenas quando se trata de assuntos diversos, e inibida quando é uma curiosidade sexual. Curiosidades sexuais devem ser esquecidas. Percebe-se que há a intenção de canalizar e de circunscrever as curiosidades e interesses da criança em limites restritos e controláveis. Por isso, quando ela faz alguma questão de cunho sexual é logo 'corrigida'. Exemplo disso é a prática comum de se falar para a criança "quando crescer você vai aprender", "isso é coisa de gente grande", "isso não é coisa para uma criança saber", etc.

Segundo Leão e Ribeiro (2011), geralmente desconsideram a sexualidade como um aspecto natural do corpo que se manifesta desde o nascimento, como se fosse emergir somente na fase da adolescência.

Já quanto às relações de gênero 40,1% dos respondentes disseram ser informados quanto a este assunto e 17,8% bem informados. Contudo, na pergunta do questionário em que foram solicitados a definir o que entendem por relações de gênero não souberam responder, o que demonstra que não estão de fato informados acerca deste assunto.

Os estereótipos nas relações de gênero insistem em se perpetuar na sociedade contemporânea (LOURO, 1997; LEÃO, 2009; SOUZA, 2006), e a escola, por ser uma das principais instâncias sociais em que a criança mais permanece, deve contribuir para a reflexão e a eliminação dos estereótipos sexistas (LEÃO; RIBEIRO, 2012), porém, contraditoriamente, reproduz tais estereótipos como se fosse algo natural (LEÃO; RIBEIRO, 2011).

A respeito das relações de gênero no contexto escolar, Souza (2006, p. 120) diz que “a escola de educação infantil é um campo fértil e um espaço privilegiado para se observar como se desenvolvem, desde os anos iniciais de escolaridade”. Segundo a citada autora, por meio das regras, das brincadeiras próprias da idade, a criança vai compreendendo o papel que compete ao homem e a mulher na sociedade. Cabe ao professor o papel de mediador nestas brincadeiras, refletindo e apontando a construção histórica do “normal” e do “natural”, das atitudes, valores e comportamentos atribuídos culturalmente ao homem e à mulher. Por isso é importante que tenha formação no campo da sexualidade, gênero e educação sexual.

Na questão seguinte, perguntava-se aos participantes se eles já haviam recebido algum tipo de informação sobre sexualidade infantil durante a graduação. Se sim, que assunto (s) abordado (s), e se não, se sentiu falta de tal abordagem. Os resultados desta questão estão expostos no Gráfico 2.

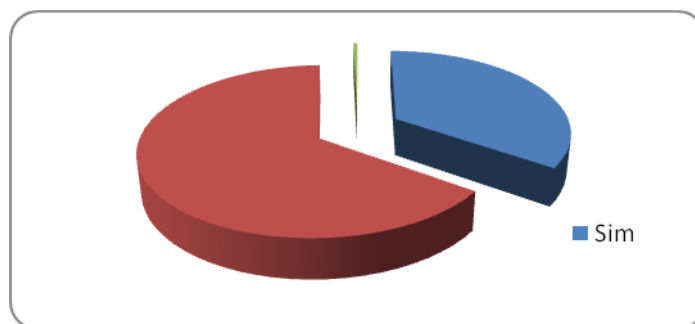


Gráfico 2- Informações de sexualidade infantil

Vê-se, pelo Gráfico 2, 65% dos sujeitos não receberam nenhum tipo de informação a respeito de tal assunto, o que representa a maioria dos participantes.

De acordo com Senatore e Ribeiro (2001, p. 163) a sexualidade não é entendida como algo intrínseco ao desenvolvimento infantil, e sim como um entrave, inclusive com professores utilizando a expressão “falta de sorte” quando vivenciam situações, brincadeiras, curiosidades e perguntas relativas a sexo. Vigora o temor de macular a criança, como se

esta não estivesse exposta à mídia televisiva e vivenciasse conversas na família e na escola envolvendo a sexualidade em diferentes graus e variado teor.

Nota-se que a maioria dos discentes não recebeu informação sobre o assunto, o que é algo preocupante, considerando que o curso de Pedagogia tem por finalidade formar profissionais para atuar na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, níveis compostos majoritariamente por crianças. Refletindo acerca disso, Leão (2012) aponta que compete ao curso de Pedagogia a formação dos professores que irão atuar no ensino infantil e nas séries iniciais, comumente desprovidos de informações sobre sexualidade.

Em duas pesquisas anteriores realizadas, Leão (2009, 2012) identificou a inexistência de disciplinas de sexualidade e educação sexual no curso de pedagogia. E que, tanto professores quanto coordenadores de curso, argumentaram não haver disciplinas com essa temática porque a grade curricular do curso não possibilita sua inserção, e que a disciplina que ministravam não dava margem para esta abrangência.

Considerando a falta de formação dos discentes em sexualidade, pensamos em oportunizar a eles um curso de formação inicial que abordasse distintos aspectos da sexualidade. No entanto, o interesse era este curso atender a necessidade dos mesmos. Por esta razão, primeiramente optou-se pelo emprego do questionário, a fim de averiguar que assuntos tinham ou não alguma informação. De posse dos questionários, e conforme exposto anteriormente, foi possível constatar que os assuntos que careciam de uma formação mais peculiar eram: conceitos em sexualidade (sexo, sexualidade e relações de gênero); educação sexual - o que é e como implementar; sexualidade infantil; violência sexual infantil; adolescência e sexualidade, bem como, sexualidade e deficiências.

Em linhas gerais, a ideia foi oferecer um curso de caráter semi-presencial, com aulas presenciais e com atividades que pudessem ser realizada no espaço virtual, no caso a plataforma moodle, em horários que tivessem disponibilidade para participarem de fóruns de discussão, realizarem atividades, verem vídeos, lerem os textos sugeridos, se aprofundando nas temáticas discutidas, de maneira a terem uma embasamento teórico para a futura prática docente. Com este intuito foi trabalhado no curso diferentes assuntos de sexualidade.

No primeiro dia os cursistas foram solicitados a responder a um questionário com situações problematizadoras concernente a diferentes assuntos de sexualidade. Ao término do mesmo, este questionário foi aplicado novamente. De posse deste, os autores puderam analisar o referido curso.

Em relação à primeira pergunta problematizadora – como responderiam a um aluno uma questão sobre concepção – a maioria dos participantes antes do curso ficou em dúvida

de como deveria responder. De fato, eles afirmaram que apresentavam receio e vergonha de tratar este assunto. Finalizado o curso foi possível notar uma mudança considerável, sendo que eles fizeram menção que iam buscar conhecer as concepções que as crianças apresentam quanto este assunto. Após, poderiam empregar livros didáticos, de maneira a explicar este assunto de forma ludica, respeitando o nível cognitivo da criança, sem mentir ou omitir informações. Ademais, mostraram que é um assunto que deve ser abrangido com os alunos da educação infantil e do ensino fundamental.

Foi apresentada outra situação problematizadora, na qual uma criança de 4 anos está mostrando em sala de aula o órgão genital para um/a colega. A pergunta indagava aos participantes como o professor poderia trabalhar esta situação. Antes do curso a maioria dos participantes se mostrou constrangida para falar no assunto, sem saber como agir. Aliás, alguns mencionaram que chamariam a atenção do aluno. Já após, mencionaram que iriam explicar que todos têm seu órgão genital, é algo de foro íntimo que não precisa ser exposto, e o fariam de forma a não traumatizar o aluno, tampouco expô-lo perante os demais colegas. Outros relataram que iriam aproveitar para trabalhar com as crianças a questão do público e do privado, do que é aceitável de ser feito abertamente ou não na sociedade. Pode-se verificar após o curso, uma postura de menos preocupação dos participantes ante esta situação.

Outro assunto investigado foi a questão das relações de gênero. Os participantes foram interrogados sobre qual sua postura se um aluno do ensino fundamental apresentasse características que normalmente não são atribuídas para meninos. Por ex.: não gosta de jogar futebol, só brinca com meninas, etc. Segundo os participantes, eles iriam propor uma aula de educação sexual na qual abordariam as relações de gênero, esclarecendo aos alunos de que não há atitudes e comportamentos específicos para meninos e para meninas, tampouco brinquedos, brincadeiras e atividades. O interessante nesta questão foi notar que os cursistas perceberam a importância deste assunto ser evidentemente tratado no contexto escolar.

Quanto a última questão problematizadora – as evidências de um aluno que está sendo abusado sexualmente – antes do curso os respondentes foram bem sucintos nas respostas. Segundo eles são: alterações no humor e comportamentais, marcas nos órgãos genitais, mudanças no corpo e interesses pelas relações sexuais. Já após o curso, as respostas foram mais abrangentes e incluíram: mudanças corpóreas e comportamentais – físicas e psicológicas (isolamento, depressão, irritabilidade, agressividade, timidez ou

espontaneidade fora do comum à personalidade da criança, crises de identidade, entre outros).

A última questão proposta perguntava aos participantes quais as contribuições e críticas ao curso. Segundo eles, as contribuições foram possibilitar o contato deles com a temática da sexualidade, porquanto o curso de Pedagogia não oportuniza disciplinas de cunho sexual, sejam elas obrigatórias ou optativas (LEÃO, 2009; 2012).

Os participantes consideraram positiva e satisfatória a maneira como a temática de sexualidade e educação sexual foi conduzida, e a inserção dos textos, slides, vídeos, filmes e atividades propostas durante o curso. Além disso, relataram que as vivências e dinâmicas trabalhadas foram muito elucidativas, pensando em estratégias de implementação da educação sexual. Comentaram ainda que o curso foi de extrema importância para a formação profissional dos mesmos. Nas palavras de alguns alunos: “o curso foi muito válido para o entendimento do assunto que é muito pouco tratado, mesmo dentro de uma licenciatura em Pedagogia; “O curso foi muito bom, esclareceu muitos assuntos. Todo professor da rede de ensino deveria ter que participar”; “O curso foi de extrema importância para minha formação, me abrindo portas e esclarecendo muitas duvidas”; “O curso acrescentou muito conhecimento necessário a minha formação como professora e pessoa, mudou a minha forma de pensar e me ajudou a perceber que antigos preconceitos eram falta de conhecimento”.

Alguns referiram, antes do curso, que se interessaram por fazê-lo pela necessidade da certificação, sendo que durante o mesmo perceberam a relevância de ter formação específica no assunto. Pode-se dizer que o curso instigou o interesse dos mesmos na área da sexualidade, sobretudo porque alguns alunos, após o mesmo, acabaram envolvidos em pesquisas nesta área, sendo que quatro ingressaram no recém criado mestrado em educação sexual na Unesp-Araraquara, o primeiro do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, pode-se dizer que este curso conseguiu alcançar seus intentos iniciais – formar e informar um grupo de alunos de Pedagogia acerca de sexualidade e educação sexual. Possibilitou verificar alterações nas posturas e condutas dos alunos envolvidos ao término do mencionado curso. Não obstante, é preciso que o mesmo seja aprimorado, tendo mais aprofundamento nas discussões teóricas propostas e um tempo maior de duração, o que já está sendo feito pensando em novas versões do curso.

A realização cursos de extensão voltados a discentes é uma eficaz oportunidade de formação para as instituições de ensino superior que não contemplam disciplinas de sexualidade nos cursos de Licenciatura.

Urge que os cursos de pedagogia passem a ter um olhar favorável à inserção da educação sexual na formação dos alunos. A formação acadêmica, inicial, é o momento peculiar na formação do profissional, sendo a base. Neste sentido, é preciso uma base bem solidificada de maneira que o profissional tenha acesso ao conhecimento que necessita para uma prática pedagógica eficaz e diferenciada.

Considerando que atitudes e comportamentos sexuais se manifestam na escola – ou seja, a sexualidade é um assunto cotidianamente presente – compete aos cursos de licenciatura oportunizar espaços para a formação em educação sexual.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília, 1997.
- DESLAURIERS, J. P. *Recherche qualitative: guide pratique*, Montreal: McGraw-Hill, 1991.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. A educação sexual presente nos relacionamentos cotidianos. *Terapia sexual*, São Paulo, 1, 69- 98, 2007.
- GONÇALVES, H. A. *Manual de metodologia de pesquisa científica*. São Paulo: Avercamp, 2005.
- LEÃO, A. M. C. *Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.
- LEÃO, A. M. C. *A percepção do(a)s professore(a)s e coordenadore(a)s dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo: analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência*. Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2012.
- LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. Sexualidade sem trauma: trabalhando gênero e corpo com crianças de uma escola municipal de educação infantil. In: MONTEIRO, S. A. I.; RIBEIRO, R., LEMES, S. S.; MUZZETI, L. R. (Org.). *Educações na contemporaneidade: reflexão e pesquisa*. São Carlos: Pedro & João, 265-82, 2011.
- LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual e formação contínua de professores: uma estratégia para a prática pedagógica em sala de aula. *Elo-Revista do Centro de Formação Francisco de Holanda*, Guimarães, 55- 61, 2012.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAIA, A. C. B. Diálogos sobre sexualidade com a criança. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Org.). *Sexualidade e infância*. Bauru: FCL/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 120-133, 2005a.

MAIA, A. C. B. Abuso sexual infantil. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Org.). *Sexualidade e infância*. Bauru: FCL/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 87-97, 2005b.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. In: *DOXA – Revista Brasileira de Psicologia e Educação*. Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação da FCL – UNESP, v. 15, n. 1, 2011, p. 75-84.

RIBEIRO, M.; REIS, W. Educação sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, 18 (2), 375- 386, 2007.

SENATORE, R. C. M.; RIBEIRO, P. R. M. Um estudo sobre a sexualidade infantil a partir do discurso de um grupo de professoras. In: CHAKUR, C. R. S. L. (Org.). *Problemas da Educação sob o olhar da Psicologia*. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Laboratório Editorial FCL, 141- 70, 2001.

SOUZA, F. C. *Meninos e meninas na escola: um encontro possível?* Porto Alegre: Zouk, 2006.